"Precisamos de pôr à disposição dos agricultores os investimentos necessários para melhorar a sustentabilidade dos cereais"



Mário de Carvalho,
professor da Universidade de Évora

Para o Professor Mário de Carvalho, as campanhas de incentivo aos cereais, a partir do início do século XVIII, depois de um aumento inicial da produção, geraram um decréscimo acentuado que levou à imagem negativa de que são uma cultura que degrada os solos, o que é falso: "o que o degrada não é a cultura, mas sim a tecnologia que utilizamos para a produzir.
Na sua opinião, precisamos de desenvolver tecnologia que torne a cultura mais competitiva dentro do nosso clima e, simultaneamente, pôr à disposição dos agricultores os investimentos necessários para melhorar a sustentabilidade da cultura, "colocando o solo no centro da política agrícola. Através da melhoria das funções do solo vamos conseguir produzir mais gastando menos, com menos incorporação de factores de produção, nomeadamente fertilizantes. Basicamente precisamos de aumentar o teor de matéria orgânica dos solos".

Os cereais de Outono/Inverno na recuperação dos sistemas agro-silvo-pastoris

O clima pouco favorável à produção de cereais agravou-se nos últimos anos pela perda de precipitação. As produtividades médias por hectare relativamente baixas e o actual contexto de preços tornam a cultura pouco apetecível, levando ao decréscimo acentuado de área semeada, em particular dos cereais de Outono/Inverno.
"A importância destes cereais vai para além do abastecimento às populações. São necessários para reequilibrar os sistemas agro-silvo-pastoris que sustentam grande parte do interior do território, no caso do Alentejo o montado, e que hoje são basicamente silvo-pastoris, sem a componente agro", refere Mário de Carvalho.
Esta lacuna faz com que o período de suplementação dos animais se prolongue e entre pelo Verão, o que "faz encarecer muito a produção animal e agravar a importação de cereais porque é feita à custa de rações que importam cereais. Também aí agravamos a nossa balança no ponto de vista dos cereais".

Regadio com investimento público não pode beneficiar apenas alguns

Face às alterações climáticas, é necessário alargar o regadio a uma área mais vasta do território e utilizá-lo como ferramenta interligada com o sequeiro.
"Se utilizássemos o regadio com maior percentagem em culturas de Outono/Inverno nomeadamente nos cereais, poderíamos diminuir a dependência do país e estávamos a ajudar a sustentar o território", defende, acrescentando que "se utilizarmos a água para produzir culturas de Outono/Inverno temos cerca de cinco vezes mais produtividade de água porque gastamos muito menos".
"Mas nos regadios públicos a água é fundamentalmente utilizada nas culturas permanentes ou de Primavera/Verão. Com a água fortemente subsidiada, a produtividade da água é a menor preocupação", alerta.
Lamenta que o grande investimento público – como o Alqueva – gaste recursos de todos para beneficiar um número muito reduzido de empresas que usam a água de forma completamente desligada da sustentação do território e cometendo "barbaridades ambientais, com fenómenos de erosão assustadores e manchas contínuas de culturas muito intensivas com uma perda muito grande de biodiversidade".
A finalizar, refere que "as transformações necessárias, face aos riscos da actividade agrícola (de mercado, climáticos, biológicos…), implicam conhecimento e não podem ser feitas sem acompanhamento técnico e de transferência de conhecimento que cabe ao Estado garantir aos agricultores".
"Essa é uma luta que os agricultores, em primeiro lugar, têm de travar. Outra, que cabe a todos, é exigir que a investigação, os projectos financiados e os critérios de acesso ao investimento estejam ao serviço do interesse da agricultura portuguesa".